



# A volta de Vandré

**Músico retornará à Paraíba em dezembro para receber sua primeira homenagem em um festival de cinema: o Fest Aruanda; o coordenador do festival conta como foi o encontro com o mito, que recordou onde estava no dia em que foi decretado o AI-5**

LÚCIO VILAR  
ESPECIAL PARA O CORREIO

São Paulo (SP) - Já passava das 13 horas quando um táxi estacionou próximo onde aguardava ansiosamente por um dos maiores nomes da música popular brasileira de todos os tempos. Geraldo Vandré desce do carro, e nos cumprimentamos pela primeira vez. Caminhamos da Martins Fontes, onde nos encontramos, na direção do Largo do Paissandu, transitando por ruas abarrotadas de ambulantes e trabalhadores que se despediam do meio expediente de um sábado de temperatura em declínio.

No restaurante, que serve um impecável "mexidinho de ovos", e onde já é velho *habitué*, sua presença é saudada afetivamente pelo proprietário e seus garçons. É aí que Vandré

aceita o convite do festival, autografa o documento oficial, e me revela uma curiosidade. Sua opção por viajar de carro, e que gostaria de refazer o percurso mais uma vez dirigindo até João Pessoa para participar do Aruanda.

Compartilhei que tal idéia também me fascinava, mas que nunca havia consumado tal intento. Ele, além de me "desafiar" a encarar a empreitada, justificou as razões de ordem filosófica, digamos assim.

"De massificação, basta a daqui de baixo. Ônibus aéreo jamais!", pontificou. E lembrou da viagem que fez, num Galaxi que conserva até hoje, de São Paulo à Anápolis, no final de 1968, ainda sem a informação de que o AI-5 havia sido decretado, e que teve que retornar com o cancelamento de um dos shows.

Continua na página C-7

Geraldo Vandré na capa de um disco de 1979: finalmente, a homenagem

## Em Cartaz



### Mulher-Maravilha não emplaca

O episódio piloto da nova série *Mulher-Maravilha* foi rejeitado pela emissora de televisão norte-americana NBC. O remake da série original foi dirigido por David E. Kelley. Segundo o site da *Entertainment Weekly*, com o fracasso da série na NBC, outras emissoras respeitadas não devem se arriscar e comprar o piloto. A série, assim, não tem nem chance de reproduzir o sucesso da série da personagem dos anos 1970.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

# Vandré compôs 'Fabiana' para a Aeronáutica

Compositor paraibano ainda é marcado pelo hino contra a ditadura: 'Caminhando (Pra não dizer que não falei de flores)'

DARLAN FERREIRA / DIVULGAÇÃO

LÚCIO VILAR  
ESPECIAL PARA O CORREIO

São Paulo (SP) - Geraldo Vandré contou com riqueza de detalhes como conseguiu passar incólume por todas as barreiras policiais encontradas no caminho de São Paulo a Anápolis, para depois me "desafiar" novamente:

"E por que você não conversa com uma grande empresa em João Pessoa para apoiar o festival e colocar um automóvel para que possa ir dirigindo até lá?", disse assim, na lata, ao que lhe devolvi, de imediato, tratar-se de uma simpática, sedutora e boa idéia de marketing a se pensar. Quem sabe, possa interessar aos senhores empresários do setor (alguém aí se habilita em alavancar a imagem de sua empresa por uma causa justa?...).

Os papos foram muitos e diversos, mas não poderia faltar o registro à "Fabiana", canção que fez para a Aeronáutica, cuja cópia em formato de bolso me presenteou. Pedi para que autografasse e revelei que era a segunda personalidade artística a quem fizera pedido semelhante. O saudoso Zé Keti foi o primeiro, também aqui em São Paulo nos anos 1990. "Não há um segundo sem um primeiro", disse-me

um Vandré generoso e descontraído, logo tascando sua assinatura.

Entre alguns poucos goles de cerveja e saídas para fumar (aqui é proibido em recinto fechado), aquele homem de cabelo tingido pelo néon do alto de seus 76 anos me impressionava a cada nova fala, sempre com algo espantosamente instigante sobre o Brasil, resquícios e fragmentos que ficaram de sua época e o "fastio cultural" que perpassa novas gerações de gostos e sentidos duvidosos.

Estava diante de um mito. Sim, é verdade. Ali estava o homem que, sozinho, colocou o Maracanãzinho a seus pés para seguir a canção, braços dados ou não. Descobri,

DIVULGAÇÃO



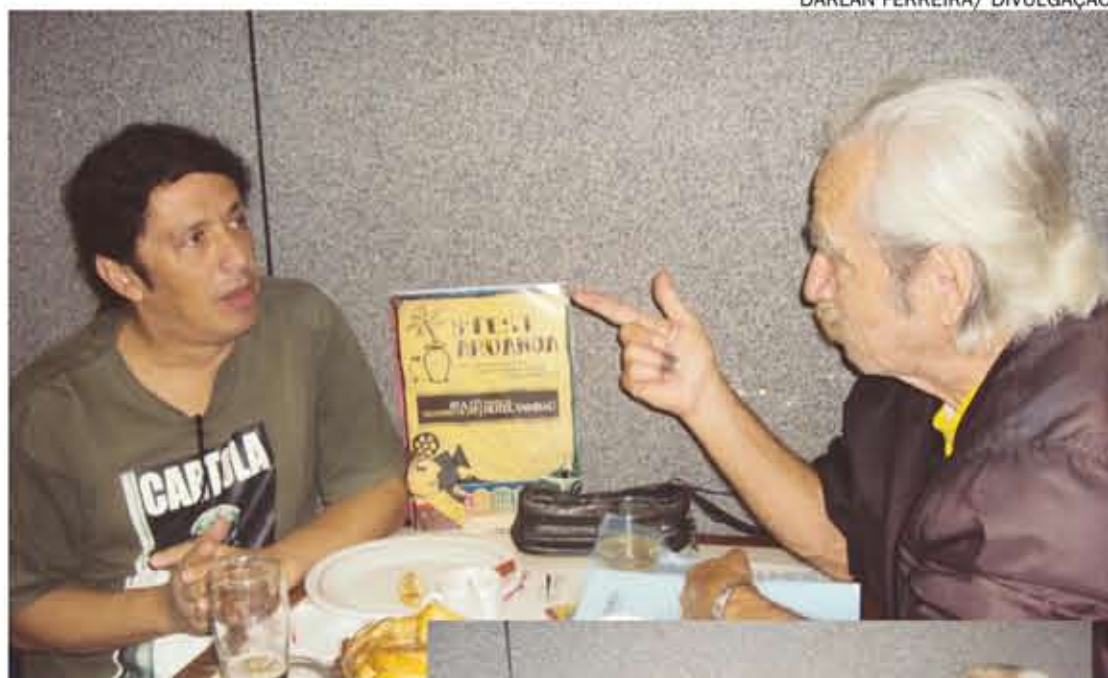
'A Hora e a Vez de Augusto Matraga': trilha de Vandré

porém, muito mais. Muito além, portanto, da cristalização desse mesmo mito. Enxerguei Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, homem extremamente lúcido e pé no chão, pronto a falar duras e cristalinas verdades de modo refinado e elegante, dado o aguçado senso crítico que impressiona profundamente quem se coloca na condição de seu interlocutor.

Saimos do restaurante e refizemos o percurso novamente a pé, desta vez pelos calçadões de artérias comerciais do centro de São Paulo. Sentamos em um banco de praça, por sugestão sua, meio que para não interromper a inspirada prosa, agora cortada por rajadas geladas de vento da tarde que já avançava para seu breve lusco-fusco nesse outono paulistano com cara de inverno.

Despedimo-nos outra vez na Martins Fontes. Sigo o caminho de volta com a absoluta certeza de que havia experimentado um sentimento sem precedentes. Melhor ainda é saber que esse privilégio será compartilhado por um número ainda maior de pessoas, com sua presença na abertura do Fest-Aruanda, dia 9 de dezembro no Hotel Tambaú.

Aliás, Vandré, a Paraíba te aguarda desde já!



Lúcio Vilar e Geraldo Vandré conversaram no dia 7 de maio, em um restaurante paulistano



### AUTOR DE TRILHA SONORA

Geraldo Vandré, autor de "Caminhando (Pra não dizer que não falei das flores)", a célebre canção que se tornaria hino de resistência à ditadura militar nos anos de chumbo, será pela primeira vez agraciado por um festival de cinema no país.

A homenagem se dá em razão da participação do artista em "clássico" do

Cinema Novo: a trilha sonora de *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, baseado em obra de Guimarães Rosa, lançado em 1965, e dirigido pelo saudoso Roberto Santos.

O filme recebeu os prêmios de melhor argumento, diálogo, direção e ator (Leonardo Villar) na I Semana do Cinema Brasileiro, em Brasília, em 1966.